

“PENSE NO HAITI... O HAITI NÃO É AQUI”: HOSPITALIDADE E CARTOGRAFIAS AFETIVAS

« PENSEZ À HAÏTI... HAÏTI N'EST PAS ICI »: HOSPITALITÉ ET
CARTOGRAPHIES AFFECTIVES

Rubens Lacerda de Sá

Pós-doutorado em Educação e Saúde (UNIFESP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5220477053711608>

Email: rubens.sa@unifesp.br

Resumo: Considerando a necessidade de continuarmos abordando temas relacionados à condição do migrante no Brasil, percebo a relevância de falarmos sobre os migrantes haitianos. Desta maneira, nosso objetivo neste ensaio é mostrar como a filosofia da hospitalidade e a política da amizade derridianas oferecem uma possibilidade teórica bastante suficiente para discussão em tela. Para tanto, procedo à metodologia baseada na cartografia visual com o fito de apresentar e discutir parte das vivências e experiências de dois migrantes haitianos no Brasil. Portanto, a análise das cartografias apontou que ainda carecemos da aplicação dos pressupostos de hospitalidade e amizade incondicionais propostas por Derrida, o que nos permite concluir a urgência do desenho de políticas não somente de recepção e acolhimento mas, também, de possibilitar condições de vida dignas a essas pessoas.

Palavras-chave: Haitianos. Hospitalidade incondicional. Cartografias. Amizade.

Résumé: En considérant la nécessité de continuer à aborder des sujets liés à la condition des migrants au Brésil, nous avons constaté l'importance de parler des migrants haïtiens. Ainsi, notre objectif dans cette dissertation est de montrer comment la philosophie de l'hospitalité et la politique de l'amitié derridiennes offrent une possibilité théorique suffisante pour la discussion en question. Pour ce faire, nous avons procédé à une méthodologie basée sur la cartographie visuelle dans le but de présenter et de discuter une partie des expériences et des vécus de deux migrants haïtiens au Brésil. Par conséquent, l'analyse des cartographies a montré que nous avons encore besoin d'appliquer les postulats de l'hospitalité et de l'amitié inconditionnelles proposés par Derrida, ce qui nous permet de conclure sur l'urgence de concevoir des politiques non seulement d'accueil et d'hébergement, mais aussi de permettre des conditions de vie dignes à ces personnes.

Mots-clés: Haïtiens; Hospitalité inconditionnelle; Cartographies; Amitié.

Pense no Haiti
Reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

— Caetano Veloso e Gilberto Gil

Há exatos 30 anos, uma amiga querida e sua família¹ foram visitar-me² em uma recém-chegada nova morada e presentearam-me com um compact disc que continha o álbum *Tropicália 2* em comemoração ao 25 anos da *Tropicália*, movimento artístico integrado por Caetano Veloso, Gilberto Gil e por gente do calibre de Rogério Duprat, Torquato Neto, Os Mutantes, José Carlos Capinan e Tom Zé. A abertura do álbum é com a antológica melodia “Haiti” cujos versos, quase proféticos, estabelecem uma relação entre a sem-fim agonia haitiana e a realidade brasileira não muito distante (Cipro Neto, 2010).

Confesso que naqueles idos a letra da música e melodia não me soavam tão atraentes e não me chegavam ao coração. Hoje vejo que isso se deu por conta da minha pouca percepção dos eventos que ocorrem e são provocados na sociedade. Entretanto, o refrão da música, que abre este texto, gruda como chiclete em nossa memória musical. Ao fechar os olhos, mesmo depois de quase três décadas, consigo escutar a voz de Caetano e Gil além da melodia e dos instrumentos utilizados no arranjo musical.

Em um dos acasos que a vida nos impõe, ouvi novamente essa música em uma rádio enquanto dirigia e veio quase que imediatamente à minha mente, a condição dos migrantes haitianos que têm chegado ao Brasil mais frequentemente nos últimos anos. Por conta disso, pensei que seria possível escrever algo sobre a condição dessa população migrante no Brasil, especialmente após ler o bate-papo entre Fialho e Lima (2022) sobre os estudantes haitianos³. Para isso, convidei essa pessoa muito querida, Cristiane Fialho, que nos contagia com seu imenso orgulho de trabalhar no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) no bairro de Perus, zona norte paulistana. O que há de tão especial nesse CIEJA é que a maior parte de seus discentes, 658 em 2020, são haitianos.

A história do povo haitiano é bem diferente do que promove a mídia hegemônica com interesses colonialistas, capitalistas e patriarcais. É um povo aguerrido e que capitaneou na segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX o fim do jugo da colonização e exploração de seu território, tornando-se um exemplo a ser seguido por outros povos colonizados como o Brasil e vários territórios africanos (Seguy, 2014). Para Pasquale Cipro Neto (2010) há muitas semelhanças entre o Brasil e o Haiti tanto do ponto de vista histórico quanto étnico e econômico e que, por assim dizer, podem representar uma igual semelhança de destinos, a saber, um processo de recolonização mesmo que mais sutil. Por isso que Caetano e Gil, na letra de sua música, ao sugerir que rezemos por eles incluem a nós, na verdade. Ao evocarem à memória a crescente pobreza, as dificuldades de boa parte da população, desastres ambientais, instabilidade política, desemprego, preconceito, xenofobia em outras terras, etc. não conseguimos fazer distinção entre nós e eles. Por isso que o Haiti é e, ao mesmo tempo, não é aqui. Tudo dependerá do ponto de vista (Lima & Silva, 2019).

Por conseguinte, considerando que nossas histórias se confundem, parece-me apropriado que nós, brasileiros, pensemos nos haitianos à luz do que pensam os povos da tribo Omaguá Kambeba que, ao caçar, repetem o lema *azê moitá em respeito à caça, ou seja, “sua dor é minha dor e eu existo porque você existe!”*. Essa percepção da existência do outro⁴ não como uma ameaça, mas como sendo parte de mim, oferece uma contribuição bastante potente para pensarmos, quais brasileiros, nos modos de recepção dos migrantes haitianos que saem de seu país para sobreviver ao caos (Mbembe, 2018).

Por essas e outras razões, tratarei brevemente neste texto da filosofia da hospitalidade em

1 Denise Leyton, Giselda Custódio e Pedro Leyton. Visita pouco antes da chegada do Ian Marco.

2 Epistemologicamente opto por redigir este texto na primeira do singular, pois quaisquer proposições para concepção de conhecimento são subjetivamente construídas e ontologicamente orientadas (Sá, 2021).

3 Este ensaio contou com a colaboração de Cristiane Maria Coutinho Fialho cujo apoio na produção dos dados com os haitianos convidados foi imprescindível para a concretização deste texto.

4 Difiro do Outro lacaniano (1973), mais abstrato, e que se refere à linguagem, inconsciente ou lugar.

Derrida, das experiências e vivências no resgate de memórias em Halbwachs e, por fim, a cartografia dos afetos em Rolnik qual suporte metodológico.

Hospitalidade e Amizade

Parte da filosofia kantiana relaciona-se com a premissa do imperativo categórico, ou seja, nossas ações na sociedade podem, em última instância, ser convertidas em leis universais (Kant, 2020). Desse modo, segundo o filósofo, alcançaríamos um estado de paz perpétua visto que todos os Estados seguiriam os mesmos princípios universais. Dentre tais princípios figura o direito cosmopolita de hospitalidade universal. Para Kant (2011), essa hospitalidade universal seria possível porque todos agiríamos de modo aceitável do ponto de vista da moral.

A despeito da argumentação do filósofo, Derrida (2004) mostra que Kant, ao converter a questão da hospitalidade aos migrantes em um tema meramente político e jurídico, reforça a lógica cartesiana de enrijecer a chegada do outro abrindo caminho para o estabelecimento de restrições que condicionam a hospitalidade e impossibilitam sua incondicionalidade. Derrida (2001) acrescenta que essa proposta kantiana possibilita ao Estado a definir quem está autorizado a usufruir da hospitalidade nacional, pois se a sociedade torna tudo como parte da esfera pública, a responsabilidade do cuidado com o outro passa a ser fragmentada ao ser entregue ao Estado, qual zelador da soberania nacional. Pantoja Peschard (2019, p. 120) diz que “difuminar la distinción entre lo privado y lo público puede conducir a la criminalización de la hospitalidad”. Ela ilustra a questão da criminalização da hospitalidade alinhando seu pensamento ao de Derrida relatando que, em 1997, Jacqueline Deltombe, uma cidadã francesa, foi presa e condenada por receber em sua casa um amigo do Zaire sem exigir que ele apresentasse documentação.

Como ressaltei em Sá (2020, 2023), a dinâmica da hospitalidade não deve passar apenas pelo acesso ou permissão ao espaço, mas deve seguir ações de acolhimento e acompanhamento dos chegantes. Abordei como Derrida (1997; 2000; 2003) percebe a hospitalidade desde um ponto de vista da ação semântica, ou seja, a hospitalidade é produzida no interior das palavras que produzem sentidos que acolhem e incluem ou não.

Apesar de Derrida discordar de Kant no que tange à politização e judicialização da hospitalidade em relação ao migrante, alinha-se ao filósofo no que tange à amizade qual marco do pensamento sobre a ação humana e a moral. Seu alinhamento guarda relação com o polimento filosófico da amizade dado por Kant no que tange à dimensão do respeito enquanto pilar da amizade pura e verdadeira. Derrida (1994, p. 282) traz à baila a conexão que deve haver entre o respeito kantiano no domínio da amizade com a responsabilidade do recebimento, do acolhimento e hospitalidade. Tanto o respeito quanto a responsabilidade na recepção do migrante, enquanto ato de hospitalidade, implicam em reciprocidade de olhar, da concessão do espaço, de tempo, de escuta e de voz.

Para Kant (2011, p. 46-47), que pensa a partir do cânone da amizade desde Aristóteles, a amizade envolve o “respeito ao outro” que está intimamente vinculado à uma “vontade que é moralmente boa” ou “*proté philía*” qual amizade virtuosa sem que seja necessária uma lei que regulamente esse tipo de amizade. Derrida (1994) vale-se do pressuposto kantiano para estabelecer a relação entre a natureza política e o desenho de uma hospitalidade incondicional de amizade em relação ao migrante. Para ele o conceito de amizade está intimamente conectado à alteridade absoluta. Amizade, respeito ao outro e hospitalidade incondicional e absoluta são condições *sine quibus non* para recepção a quem quer que chegue independente de ser convidado ou não.

Toda essa operação de hospitalidade, segundo Derrida (2002), é levada a cabo na “possibilidade da impossibilidade” (p. 364) ou em uma aporia, ou seja, a constatação de duas premissas contraditórias mas que é condição de possibilidades (Derrida, 1994b). Aporia, gr. *áporos*, significa “sem passagem, sem saída” ou algo impraticável. No entanto, o filósofo enxerga nas aporias da hospitalidade uma oportunidade para pensar em operar nas fissuras desse processo com o fito de desconstruí-lo, reelabora-lo, revertê-lo a fim de refazê-lo em outros termos (Derrida, 1967; 2004b). Desse modo, será possível pensar em ética de hospitalidade ao migrante que seja incondicional, sem limites, irrestrita e efetiva.

Por conseguinte, pensar em ações de hospitalidade ao migrante enquanto amigo significa

escapar da lógica cartesiana de entregar o chegante aos cuidados do Estado que imporá limitações e restrições políticas e jurídicas. Neste sentido, Derrida (2003b) discorda da lógica proposta por Carl Schmitt (1927) que propõe a distinção entre amigo e inimigo no que diz respeito às políticas de hospitalidade ao migrante, pois essa linha de pensamento pressupõe semelhança, igualdade e homogeneidade em detrimento da alteridade e singularidade do eu e do outro. A lógica de Schmitt promove a exclusão, pois a dessemelhança entre o nós será baseada na etnia, raça, gênero, origem, classe, etc.

O que Derrida propõe, então, é uma política de hospitalidade que vê o migrante amigo como o outro absoluto levinasiano (Lévinas, 1961) e heterogêneo em vez de reduzi-lo a uma versão de nós mesmos. Inclui demonstrar o respeito moral kantiano e a rejeição a políticas identitárias etno-nacionalistas que, ao fim e ao cabo, representam a desconexão da alteridade absoluta. Para tanto, deve-se operar nas fissuras para identificar as aporias que devem ser eticamente⁵ reconfiguradas (Duque-Estrada, 2010).

Cartografando Afetos

Um mapa cartografado pode representar o pensar, sentir o processo e a essência da modernidade porque pode incluir o escalonamento de vidas, espaços e ordenação de territórios tornando-se o que ocorre entre o extrapolar de fronteiras, bordas e delimitações à medida que sua relevância vai manifestando sua valorização estética (Boechat, 2015).

Pensar em uma cartografia que envolva afetos de migrantes, significa cartografar o que é móvel, fluido, o que reside nas fissuras mas que, ao mesmo tempo, contribuiu para mapear a totalidade de uma realidade experienciada. Envolve entender as diversas linhas, contornos e traçados que formam o mapa cujo desenho quer representar afetos e memórias. Implica em perceber os movimentos, os pontos de convergência e divergência, os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, bem como os desvios. Sobre isso, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996, p. 21) dizem que um “mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível e suscetível de receber modificações constantemente”. E acrescentam que um mapa “pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou uma formação social”.

Suely Rolnik (2014, p. 15) destaca que a cartografia é o “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem”. Tanto Rolnik quanto Deleuze e Guattari concordam em suas obras que a cartografia pode ser útil para mapear ou cartografar sentimentos, afetos, emoções e desejos. Os espaços e as imagens são capazes de produzir memórias e sentimentos que, por sua vez, trazem à luz diferentes afetos e emoções. Tais expressões e sentidos são pessoais, únicos e abertos ao acaso, pois gravitam e oscilam em diferentes camadas, intensidades e espaços-tempo.

Sá e Magalhães (2022) discutem o racismo a partir do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1996). No texto, tratam de uns cinco princípios que transitam nas conexões do rizoma formando uma cartografia do tema. Entretanto, os autores ressaltam que cartografar a vida que se expressa por meio de memórias e afetos não significa o mesmo que reproduzir ou decalcar o concreto, o real. Cartografar afetos migrantes funciona assim como o rizoma que é um sistema complexo, múltiplo, não hierarquizado, aberto, sem sentidos e significados prévios, sem uma linha central e com um entrelaçamento de conexões que se reconfiguram (Hur, 2021). Duarte (2022) pensa a cartografia como ferramenta para a inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Souza e Francisco (2016, p. 814) mostram que a cartografia é uma metodologia “sob medida, pois é na experimentação e na prática de manter o pensamento aberto” que ela expressa seu rigor científico. Acrescentam que isso é traduzido pela “capacidade do pesquisador em acompanhar o processo de mostrar-se do objeto investigado no contexto que o sustenta e lhe dá no sentido de produzir significado” (p. 813). Os autores ressaltam ainda que a cartografia define um caminho, gr. hódos, com o fito do alcance de metas, gr. metá, ou seja, trata-se de uma metodologia de percurso, de processos e, como tal, possui princípios e é, ao mesmo tempo, interventiva. Cintra et al. (2017, p. 50) dizem que “ainda que a presença da cartografia como método de pesquisa

⁵ ver Sá (2021b; 2023) para uma discussão sobre ética em relação ao migrante.

não seja tão expressiva numericamente, é valorosa pela diversidade de possibilidades de abordar a realidade social de forma criativa, com sua produção simultânea ao ato da pesquisa”.

Com base no exposto, entendo que cartografar afetos no caso dos migrantes haitianos possibilitará conhecer um pouco de suas subjetividades e construir um olhar que os singularize em vez de generalizá-los. Assim, nossos participantes⁶ são dois haitianos, que contribuíram com suas cartografias. Ambos são homens negros, solteiros, estão no Brasil há cerca de 6 anos, com idade média de 33 anos, um deles era advogado no Haiti e o outro trabalhava na polícia nacional. Ambos decidiram migrar em busca de melhores condições de vida. Atualmente estudam no CIEJA Perus.

Do ponto de vista heurístico e considerando que na cartografia dos afetos um mapa é a composição de um território único, as narrativas cartográficas visuais dos dois participantes foram identificadas as categorias que se relacionam e retratam seus afetos, sua trajetória enquanto migrantes, seus sabores e dissabores.

Cartografia 1

Nuneo Flexe



Fonte: Participante 1

Nesta primeira cartografia, Nuneo Flexe⁷ traz à tona lembranças relacionadas a sua terra natal ao desenhar símbolos que retratam essas boas memórias. Por exemplo, o uso do avião, do helicóptero e do oceano servem para lembrá-lo dessa travessia e do estava envolvido quando ele decidiu partir. Na descrição de sua narrativa ele diz que se lembra desse evento em sua vida sempre que vê uma aeronave no Brasil. Sá (2020) destacou que tais eventos representam um sofrimento ao migrante e exigem dele um esforço para a reelaboração do luto por causa da distância de sua terra (Freud, 1996).

Um segundo símbolo marcante na cartografia visual de Nuneo é o rompimento do vínculo familiar e como isso representa dor para ele. Retrata seu pai, sua mãe e um filho que deixou em seu país. Embora ele tenha se amancebado com uma brasileira, essa pessoa não aparece na cartografia, pois seu verdadeiro vínculo afetivo segue no Haiti. Essa saudade que Nuneo retrata em sua cartografia é difícil de ser aferida. Primeiro porque envolve dimensões de tempo, de espaço e de emoções que, muitas vezes, não são plenamente expressas, sobretudo em uma língua não materna e em meio a outra cultura. Entretanto, é possível perceber não somente na necessidade de prefigurar esse sentimento na figura da família, mas também no tom da voz, no olhar, na tristeza gerada, nas expressões de sensação de perda e falta, etc. (Rezende, 2006; Baldassar, 2008).

Nuneo na cartografia traz vários elementos relacionados à natureza e à comida. Isso ocorre porque em seu país ele gostava de lidar com a agricultura e faz menção a frutas, árvores, animais e ao trabalho no campo. Em determinado momento também menciona a necessidade de que todos tenhamos uma moradia, um lugar para onde voltar ao fim de um dia de trabalho. Sugere que em sua trajetória no Brasil como migrante houveram momentos sem esse refúgio. Confirma isso quando

⁶ Por razões éticas, os haitianos que se colocaram à disposição para participar da composição deste texto têm sua identidade preservada. Os áudios em que descrevem suas narrativas estão sob custódia dos autores deste manuscrito. A transcrição dos áudios está disponível nos QR Codes nas cartografias 1 e 2.

⁷ Este é o codinome do primeiro participante.

diz que trabalha muito e não tem tempo de descansar ou ir à praia ou à piscina, arrematando: é “complicado!”.

Gomes (2017) menciona que em 2016 havia cerca de 73 mil haitianos registrados na Polícia Federal. Dentre as principais necessidades dessa população figura a busca por emprego em primeiro lugar seguida pela necessidade de moradia digna e adequada. Embora esses haitianos tivessem visto de permanência no Brasil, eles compõem o grupo de migrantes em situação de vulnerabilidade social e de violação dos direitos humanos. A cartografia e o relato de Nuneo reforça exatamente isso e, pior ainda, mostra que não avançamos muito nos últimos seis anos. Isso explica porque muitos migrantes de diferentes países unem-se ao Grupo de Refugiados e Imigrantes Sem-Teto (GRIST) em aproximação e articulação com o Movimento dos Sem Teto no Centro (MSTC) e a Frente de Luta por Moradia (FLM) (Magnani, 2002; Baeninger, 2017).

Por fim, Nuneo faz referências ao motivo que o fez migrar: a má administração em seu país, governos corruptos, etc. Também diz que no Brasil sente-se muito incomodado com a falta de respeito, o uso de palavrões dos brasileiros em relação aos migrantes sugerindo que isso ocorre quando está sendo ofendido por causa de sua condição (Diniz, 2016). Passemos à segunda cartografia.

Cartografia 2

Rit Guatisse



Fonte: Participante 2

A segunda cartografia é de Rit Guatisse⁸ que faz questão de ressaltar logo de início que estudou em uma escola particular no Haiti. Em seguida, ele passa a narrar eventos relacionados com essa experiência escolar. Fala do sol, do hasteamento da bandeira e do entoar do hino nacional. Para ele, tais lembranças são significativas porque ressaltam o contraste entre sua anterior condição educacional no Haiti e a atual, por conta de sua necessidade de migrar. A narrativa de Rit confirma o que alguns pesquisadores têm alertado há algum tempo (Cavalcanti, Oliveira & Macedo, 2019). A maioria dos migrantes não conseguem continuar e, menos ainda, avançar em sua carreira acadêmica e têm que se submeter à exploração patronal e a baixíssimos salários. Essa estagnação faz com que muitos migrem novamente, em especial para a América do Norte, em busca não somente de melhores condições de vida, mas do exercício de suas profissões (Pongnon, 2016).

Em outro momento de sua narrativa, Rit usa a televisão e o campo e futebol para fazer referência a algo que lhe dá muita satisfação, o futebol. Diz que é palmeirense, mas que fica bem triste quando vai ao estádio e percebe o aumento da violência entre as torcidas que não aceitam a derrota. Outra coisa que o alegra muito é o carnaval no Haiti que, embora seja muito violento por conta do abuso do álcool, é “daora”, diz ele. A cartografia e o relato de Rit fez com que eu me

⁸ Este é o codinome do segundo participante.

lembrasse de um conto de Jorge Luis Borges em que a personagem central diz que “suas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas...” (1998, p. 105).

Entretanto, o participante traz à baila sentimentos negativos em relação ao carnaval porque em seu país há “muito preconceito com o travesti, que não pode ir no carnaval senão apanha” já que “no Haiti não tem lei sobre casamento” entre pessoas do mesmo sexo. Para Rit, isso causa bastante incômodo, pois, segundo ele, todos têm o direito de decidir como gerenciam suas vidas. Essa percepção de Rit sobre o preconceito é importante, pois não é algo incomum em seu país. Pensar nas diferentes identidades e conscientizar-se da necessidade do respeito à diversidade oferece um valioso contraponto à “definição política embasada na divisão birracial ou bipolar, e não biológica” (Munanga, 2006, p. 53).

Ainda sobre sentimentos desconfortáveis, Rit fala da praia e água de coco gratuita à disposição e nos conta que no canto inferior direito de sua cartografia tentou desenhar uma mesa cheia de frutas porque no Haiti tem muita fruta e comida e diz: “gosto muito de fruta, mas aqui não como muito”. Novamente, evoca-se aqui o processo de luto freudiano em que o participante, segue ressignificando suas vivências lá e cá (Freud, 1996). De acordo com Beatriz Sarlo (2007) esse lembrar de Rit serve para estabelecer “uma relação afetiva, moral, com o passado, pouco compatível com o distanciamento e a busca de inteligibilidade”, o que demonstra uma “atitude de deferência, de respeito congelado diante alguns episódios dolorosos do passado” (p. 43).

Por fim, Rit segue descreve em sua cartografia outro evento incômodo. Trata-se da reprodução de um desenho que ele e sua namorada fizeram jurando amor eterno, que é representado pelo beijo dos dois dentro de um coração. A promessa era que “nosso coração nunca separa... [pausa]. Fico triste pela distância”, diz ele. E acrescenta: “tenho muita saudade de minha mulher que ficou no Haiti”. Esse trecho da cartografia de Rit e sua narrativa indicam o que Eni Orlandi chama de “derrota da vontade” quando ela nos lembra que os silêncios, os apagamentos, os ditos e não-ditos, bem como o esforço pelo esquecimento são “emoções, o místico, a contemplação, a introspecção, a revolta, a resistência, a derrota da vontade” (Orlandi, 1992, p. 44).

Sintetizando

O objetivo deste texto foi demonstrar como ainda carecemos de aprofundamento dos estudos sobre a filosofia da hospitalidade incondicional proposta por Jacques Derrida (Derrida, 1997; Sá, 2020b; 2023b), bem como o que o pensador argelino nos ensina sobre o desenho de uma política da amizade livre de marcas excludentes (Derrida, 1994a). Os muitos migrantes haitianos que chegam à capital paulista brasileira são, diariamente, vítimas de um sem-fim de maldades banalizadas, conforme teorizada por Arendt (2006). Felizmente, eles têm sido acolhidos e têm sua dignidade restaurada graças ao incansável e lindo trabalho dos educadores que compõem a equipe do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) em Perus (Fialho & Lima, 2022).

Nosso contributo à discussão é que outros trabalhos sigam narrando e cartografando as vivências, as experiências e as memórias dos migrantes haitianos (e dos muitos outros em circulação no Brasil e mundo afora!).

Nou gen volonte pou tèks sa a te yon lekti ki konsolan ak plen espwa!

Referências

ARENDR, H. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de J. R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BAENINGER, R. (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

BALDASSAR, L. Missing kin and longing to be together: Emotions and the construction of co-presence in transnational relationships. **Journal of Intercultural Studies**, v. 29, n. 3, p. 247-266, 2008. DOI: [10.1080/07256860802169196](https://doi.org/10.1080/07256860802169196).

BOECHAT, C. A. O mapa e o território, de Michel Houellebecq. **Confins**, v. 23, 2015. DOI: [10.4000/confins.10065](https://doi.org/10.4000/confins.10065).

BORGES, J. L. **Funes, o memorioso**. v. 1. São Paulo: Globo, 1998.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Imigração e Refúgio no Brasil: Relatório Anual**. Brasília: OBMigra, 2019.

CINTRA, A. M. S. et al. Cartografia nas pesquisas científicas: Uma revisão integrativa. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 45-53, 2017. DOI: [10.22409/1984-0292/v29i1/1453](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i1/1453).

CIPRO NETO, P. **Pense no Haiti, reze pelo Haiti...** Folha de São Paulo: Cotidiano, 14 jan. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1401201004.htm>. Acesso em: 19 fev. 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de A. Guerra Neto, A. L. Oliveira e S. Rolnik. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DERRIDA, J. **De la grammatologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

DERRIDA, J. **Politiques de l'amitié**: Suivi de L'oreille de Heidegger. Paris: Galilée, 1994a.

DERRIDA, J. Aporias: Dying--awaiting (One another at) the "limits of truth" mourir--s'attendre aux "limites de la verite". **Choice Reviews Online**, v. 31, n. 11, p. 31-72, 1994b. DOI: [10.5860/CHOICE.31-5972](https://doi.org/10.5860/CHOICE.31-5972).

DERRIDA, J. **De l'hospitalité**. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

DERRIDA, J. Hospitality. **Angelaki**, v. 5, n. 3, p. 3-18, 2000.

DERRIDA, J. **On cosmopolitanism and forgiveness**. London: Routledge, 2001.

DERRIDA, J. Hospitality. In: ANIDJAR, G. (Org.). **Acts of religion**. London: Routledge, 2002. p. 358-420.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução de A. Romane. São Paulo: Escuta, 2003a.

DERRIDA, J. **Voyous**: Deux essais sur la raison. Paris: Galilée, 2003b.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução de F. Landa e E. Landa. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

DERRIDA, J. **Papel-máquina**. Tradução de E. Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004b.

DINIZ, A. **Imigrantes haitianos sofrem com xenofobia no trabalho**. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 12 dez. 2016. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/imigrantes-haitianos-sofrem-com-xenofobia-no-trabalho/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

DUARTE, A. M. D. S. Inclusão como possibilidade de acesso e permanência no IFSP: Campus Registro. **Revista Letra Magna**, v. 18, n. 30, p. 120-138, 2022. DOI: [10.47734/lm.v18i30.2152](https://doi.org/10.47734/lm.v18i30.2152).

DUQUE-ESTRADA, P. C. Desconstrução e incondicional responsabilidade. **Revista Cult**, 14 mar. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/desconstrucao-e-incondicional->

[responsabilidade/](#). Acesso em: 19 fev. 2025.

FIALHO, C. M. C.; LIMA, F. B. Encontro do Brasil com o Haiti no CIEJA Perus: Em busca de uma experiência anticolonial. In: SÁ, R. L. (Org.). **Por uma Filosofia da Migração em perspectiva anticolonial**. 1. ed. v. 10. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; Pontes Editores, 2022. p. 83-101.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. **A história do movimento psicanalítico**: Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1917).

HUR, D. Cartografia das intensidades: Pesquisa e método em esquizoanálise. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 46, p. 1-18, 2021. DOI: [10.22481/praxisedu.v17i46.8392](https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8392).

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de P. Quintela. 2. Aufl. Lisboa: Edições 70, 2011.

KANT, I. **À paz perpétua**: Um projeto filosófico. Tradução de B. Cunha. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

LACAN, J. **Le séminaire, livre XI**: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

LÉVINAS, E. **Totalité et Infini**: Essai sur l'extériorité. La Haye: Martinus Nijhoff, 1961.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018. (Obra original publicada em 2003).

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: Fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i68p46-57](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p46-57).

Recebido em: 22 de outubro de 2024
Aceito em: 15 de dezembro de 2024